

A exposição *Mistério das Coisas Vivas* apresenta um conjunto de obras desenvolvidas pelos artistas durante o segundo ano do programa de residência do Instituto MECA: Ana V. Lopes, Anna Livia T. Monahan, Julia Gallo, Mayra Carvalho, Yaka Huni Kuin, e Caio Pacela. As obras aqui reunidas são vestígios e desdobramentos de um tempo compartilhado, no qual pesquisas singulares foram continuamente atravessadas pela presença do outro. A residência opera como uma arquitetura de encontros, onde processos distintos coexistem, se contaminam e se transformam mutuamente.

Este ciclo da residência foi marcado pela presença de artistas indígenas de diferentes povos — Karajá Iny, Guarani Mbya e Huni Kuin — cujas práticas ampliam o entendimento de território como matéria da qual somos feitos e à qual pertencemos, mas também como espaço de disputa, atravessado por fronteiras, relações de poder e mecanismos de exclusão. A consciência de uma existência planetária que ultrapassa o humano constitui um dos eixos centrais desta mostra. As obras aqui apresentadas convocam à reflexão sobre as relações de interdependência entre espécies e sobre os vínculos de parentesco que nos conectam a tudo aquilo que vive.

É nesse horizonte que se insere a série *Da Costa à Baía*, de Ana V. Lopes. A artista revisita a geografia do estado do Rio de Janeiro a partir da Mata Atlântica, acompanhando os fluxos, presenças e transformações da fauna e da flora que conectam a região da Costa Verde à Baía de Guanabara. Seu olhar desloca os limites convencionais para evidenciar uma paisagem viva, constituída por relações ecológicas, afetivas e históricas do povo Guarani Mbya, que persistem para além das divisões do território como lugar de disputa colonial.

Filha de Iban Huni Kuin e integrante do coletivo Makhu, Yaka Huni Kuin desenvolve uma produção atravessada pelos conhecimentos de seu povo, articulando os processos de cura da medicina da floresta, os cantos rituais e as narrativas ancestrais. Suas pinturas operam como traduções visuais desses saberes, tornando visíveis histórias transmitidas entre gerações. Diante da formulação “Tela por terra”, a artista desloca a atenção da produção artística para as condições de existência dos povos Huni Kuin e afirma o princípio ético da inseparabilidade entre arte e vida. Yaka evidencia que a preservação da cultura, da memória e da terra constitui uma prática estética e política.

Para os povos Karajá, “Iny” é o nome pelo qual se reconhecem enquanto povo e faz referência aos seres moldados pelo barro no fundo do rio. A narrativa de origem inscreve a humanidade em uma relação de parentesco com a terra e as águas, afirmando uma condição na qual território, corpo e memória não podem ser pensados separadamente. É a partir dessa compreensão que Mayra Carvalho desenvolve uma pesquisa na qual a terra não constitui apenas o lugar onde se vive, mas a própria matéria da qual a vida emerge. Barro, terra, café, metais e argilas coletadas em diferentes territórios são mobilizados pela artista na construção de formas escultóricas que evocam seres elementares e cosmologias ancestrais. Suas obras nascem da observação do céu e dos ciclos de transformação que marcam a passagem entre o dia e a noite, aproximando matéria terrestre e dimensão celeste em uma mesma experiência sensível.

A proximidade do MECA com o mar estabelece uma atenção particular aos seres aquáticos em diálogo com as grandes estruturas do estaleiro. Da observação desses animais e da complexidade de suas formas e modos de relação, emerge o conjunto de pinturas de Anna Livia T. Monahan. Em seus trabalhos, ciclos naturais e relações entre seres marinhos articulam-se às dimensões do mar, do céu e da terra em composições que evocam estruturas orgânicas e estados de transformação contínua. Suas pinturas operam como espaços de passagem, nos quais natureza, imaginação e percepção se entrelaçam em possíveis materializações de mistério e revelação.

Diante dos mistérios entre céu e terra, a investigação de Caio Pacela atravessa diferentes dimensões da espiritualidade — da fé às práticas de culto, da crença às formas de oferenda e da relação com o sagrado. Entre o místico e o terreno, sua obra tensiona os limites entre experiência individual e coletiva, propondo uma reflexão sobre os modos como o espiritual se manifesta na vida cotidiana. Com atenção ao gesto, o artista articula em suas obras uma dimensão encarnada da performatividade religiosa, na qual o corpo se torna suporte de atravessamentos simbólicos e espirituais. Suas ações podem ser lidas como coreografias de entrega diante do desconhecido, nas quais o movimento se aproxima de uma forma de escuta e de relação com o invisível.

Durante sua residência no MECA, Julia Gallo viveu no estaleiro, em profunda imersão no ambiente industrial da Mac Laren, em contato com maquinários, navios e com as oficinas de solda e serralheria proporcionadas pelo programa. Em sua prática, o desenho é o eixo central a partir do qual emergem anatomias ficcionais que dão forma a estados de ânimo, tensionando a separação entre corpo e alma. Nesse contexto, suas obras operam como construções sensíveis, nas quais o gesto gráfico se desdobra em figurações feitas de alumínio, que questionam os limites entre interioridade e forma.

Uma residência artística constitui, antes de tudo, um exercício de habitar. Como uma casa, acolhe corpos, pensamentos, memórias e desejos; torna-se um lugar onde diferentes trajetórias se encontram e onde a convivência produz novas formas de presença e relação.

Ao longo deste ciclo, as pesquisas aqui reunidas foram atravessadas por encontros entre pessoas, territórios, saberes e modos de existência. Cada obra preserva a singularidade de seu percurso, mas carrega também os vestígios de uma experiência compartilhada, revelando que criar é uma forma de estar em relação com o mundo e com os múltiplos seres que o habitam.

Ao percorrer a exposição, o público é convidado a atravessar os diferentes quartos dessa casa comum, encontrando, em cada trabalho, uma maneira singular de sonhar e dar corpo ao mistério das coisas vivas.

Bianca Bernardo
Curadora Artística, Instituto MECA